

# Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Teixeira

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha		Assignatura conjunta do Seculo, Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa	
PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA			
Anno.....	4\$800	Anno.....	8\$000
Semestre.....	2\$400	Semestre.....	4\$000
Trimestre.....	1\$200	Trimestre.....	2\$000
		Mez (em Lisboa).....	700

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



## Summario

Capa: LAVADEIRA DE COIMBRA, (cliché de Amadeu de Menezes) • Texto: A GULOSEIMA NACIONAL, 11 illustr. • UMA FESTA DA COLONIA PORTUGUEZA EM BUENOS AYRES, 4 illustr. • FRANCISCO D'ANDRADE, 13 illustr. • O ENTERRO DE D. JOÃO DA CAMARA, 13 illustr. • A SERVENTE DE COIMBRA, 5 illustr. • DISPENSARIO DE SANTA IZABEL, 5 illustr. • UMA RECITA EM S. CARLOS HA 65 ANWOS, 3 illustr. • VIDA MILITAR, 5 illustr. • O THEZOURO D'ALMADA, 4 illustr. • • • • •



# Seios

De seivos, viridos, reconstituidos, aformoseados, fortificados com \*\*\*\* as \*\*\*\*

## Pilulas Orientaes

O unico producto que em seis mezes assegura o desenvolvimento e a firmeza do peito sem causar damno algum a saude. Aprovado pelas notabilidades medicas.

**J. Ratlé, Ph. 5, Passage Verdeau, PARIS.** Frasco com instruções, 1500 rs. Franco para vale do correio, enviado a **J. P. Baufes & C., 39, R. Augusta, LISBOA**

# Companhia \*\*\*\*\* DO \*\*\*\*\* Papel do Prado

Sociedade anonima de responsabilidade limitada  
Proprietaria das fabricas do Prado, Marianna e Sobrinho (Thomas), Feneço e Casal d'Hermio (Louça), Valle Maior (Albergaria-a-Velha). \*\*

\*\*\* Escriptorios e depositos \*\*\*  
**LISBOA - 270, Rua da Princeza. 276**  
**PORTO - 49, R. de Passos Manuel, 51**

Ender, telegr.: Lisboa, Companhia Prado, Prado-Porto - Lisboa, N. telephon. 508

# NÃO COMPREM NENHUMA SEDA

Sem pedir antes as amostras. Das nossas attas novidades garantidas e solidas. Especialidades: **estofos de sedas para trajos de casamento, de balie, de soirée e de passeio**, bem como para **luvas, forros, etc.**, em preto, branco e cor, de 1 fr. 20 a 18 fr. 50 o metro. Vendemos **directamente aos particulares** e ouviamos aos donos dos **francos de porte**, os estofos escolhidos \*\*\*\*\*

**SCHWEIZER & C. A**  
**LUCERNE Z. 20 SUISSA**  
\* Exportação de sedas \*

**AGUA CASTELLO**

PREMIADA em varias EXPOSICOES e FORNECEDORA da CASA REAL

**SABÃO REAL DE THRIDACE**

**Violet**

PARIS Sabão "V. loutine"

**Gaston Lot**

**PROTHESE DENTARIA**

**EXTRACÇÃO** de dentes, sem dor desde 500 rs. Colocação de dentes desde 1000 réis.

Consultorio chirurgico-dentario, R. das Chagas, 42,1. (Ao Calhariz)

TELEPHONE 1882

# PRINCIA VIOLET

NOUVEAU PARFUM  
29, B. des Italiens, PARIS

**VITVIZ L.T. PIVER**  
PARIS  
Essence Savon Poudre de Riz  
Lotion Sachets

**BELEZA DO ROSTO**  
1890  
O LEITE ANTEPHELICO  
1890  
O LEITE ANTEPHELICO  
1890

# INSTITUTO de beleza

UNICA casa do mundo para o tratamento do rosto, hygiene, beleza e conservação da juventude. Productos scientificos invisiveis aprovados pelo Laboratorio Municipal de Paris. Apparehos e productos contra a obesidade e contra a excessiva magreza.

Agua e crèmes para branquear a pelle das mãos, luvas e apparehos para o seu aformoseamento. Quem quer conservar e embellecer a cor empregue todas as manhãs os maravilhosos productos: **Loção Creme e Pó Kytia** instruções para o seu emprego. **Tuhura vegetal** garante insuflivo. **Loção capilar** para evitar a queda dos cabelos para impedir o embronzamento, dando-lhe a sua cor natural. **Depilatorio perfumado** com extracto d'ervas do Oriente (10rs) para evitar os pellos e fazendo-os desaparecer completamente. O Instituto de beleza deseja ter agentes nas principaes cidades da Europa, preterindo casas perfumistas ou cabeleireiros para effectuarem a venda dos seus productos. Depositos em todas as principaes cidades da França, da Europa, Estados Unidos da America e no Cairo.

O Instituto de Beleza lecciona e dá curso de tratamento e embelezamento da pelle. Programma e condições. Envia-se catalogo geral a quem o requisitar. 26, Place Vendôme, 26 - PARIS

**O THESOURO DA CABELLEIRA**

Antiseptico Regenerador Perfume delicioso

# PETROLEO HAHN

MARCA DE FABRICA

Evita a Queda dos Cabellos

Recusar, por serem perigosas e inefficazes, quaesquer imitações apresentadas em lugar do verdadeiro PETROLEO HAHN.

F. VIBERT, LYON (França)

DEPOSITO EM TODAS AS PERFUMARIAS e DROGARIAS.



# A GULOSEIMA NACIONAL



O copeiro-mór

lhe havia de ressumar dos lábios, muito olhar de commiseração lhe mereceria a mercancia exposta, atraz do largo vidro facetado, aos olhos gulosos dos portuguezes de hoje. Quem porventura o seguisse pelo escuro, ver-lhe-hia depois da primeira impressão recebida um grande ar de desconsolo estampado no rosto. Era que elle perguntava a si mesmo onde estaria a sublime arte do confeitreiro e invocava, cheio de saudades, ao vér aquelles pastelinhos de côres variadas e os pedacitos de chocolate embrulhados em papeis de estanho, os largos covilhetes de marmelada, as bojudas terrinas de manjar real e os grandes bolos de festa, que tantas vezes saboreára, com 15 centímetros de altura por metro e meio de circumferencia.

Que bellos tempos esses! Todos aquelles bolinhos insignificantes e microscopicos, misturados e amassados,

não logriam alcançar a imponencia e a magestade dos grandes pudins festivos, que enfeitavam e deliciavam as mezas e os convivas setecentistas; prodigios de equilibrio e de conservaria, verdadeiras obras de arte, em cujo invento e composiçõ se consumiam muitos talentos ignorados.

Quem quiser, hoje em dia, achar uma

**G**ULOS O amigo, escuta. Se acaso resuscitas-se um d'aquelles bojudos frades bernardos ou franciscanos, mariannos ou benedictinos e, erguido da lousa humilde, espalmada no claustro do convento da sua ordem, se achasse defronte da montra de um confeitreiro moderno, muita ironia decerto



Cabelleira de ovos



sombra apagada d'esses bolos nunca vistos, tem de ir ao Minho, assistir a algum jantar de casamento ou festa de missa nova. E' lá ainda o ultimo baluarte da cozinha nacional. Nos centros populosos e muito principalmente em Lisboa, difficil é, se não impossivel, provar-se tal guloseima.

A historia doce de Portugal inicia o seu primeiro capitulo com uma lei de El-Rei D. Manuel, do anno de 1496, prohibindo aos homens o exercicio do mister de alfaloeiros. Essa lei em que o monarcha venturoso restringe ás mulheres o fabrico de «coisas de assucar» começa por tornar nebulosa tão doce noticia.

Porque seriam os homens privados de semelhante mister? Julgariam os coevos da lei tal officio improprio do sexo forte e mais bem cabido nas delicadas mãos das mulheres quinzentistas? Ignoro absolutamente a razão da lei prohibitiva; o facto é que ella prevaleceu em todo o seculo XVI, até que D. João IV a modificou consentindo aos homens o fabrico das obreias e alfeloas, mas prohibindo que as vendessem pelas ruas sob pena de prisão e açotes com balaço e prego (1).

Por edital de 8 de novembro de 1781, foi novamente reeditada a mysteriosa lei repetindo o exclusivo da venda a favor das mulheres. Hoje em dia ninguem se preoccupa com semelhantes ninharias. O tempo dos privilegios acabou e qualquer cidadão pode agora, a seu bel-prazer, munir-se de um taboleiro, encher-o de gulodices, e ir, por feiras e arraiaes, a apregoar os seus pastelinhos polvilhados de canella e assucar, e vendel-os allem por um vinthem, depois de terem sido lambi-

dos innumeradas vezes... por cinco réis. (1)

Passemos adiante. Os chronistas palacianos, em muitos outros pontos minuciosos, não nos deixaram indicações precisas dos repastos reaes, a não ser Garcia de Rezende, que, pasmado, nos descreve o banquete monstro dado por El-Rei D. João II, em Evora, por occasião do casamento do principe seu filho.

Esse narra-nos phantasmagorias culinarias estupendas; nuvens de carneiros e de bois assados, com os cornos e patas douradas, conduzidos á sala do banquete por um fidalgo vestido de carreteiro, de agulhada em punho; mas da parte doce da phenomenical refeição nem



Uma apothose de assucar

uma palavra.

Damião de Goes é um pouco mais explicito. Diz-nos elle que El-Rei D. Manuel era grandemente apaixonado de «coisas de assucar» que os seus aventureiros fidalgos lhe traziam da ilha da Madeira e que as alfeloas lhe fabricavam no reino. Quando aos domingos e dias santos estava em Lisboa, era certo ir mendar ao paço de Santos-o-Velho, depois de um largo passeio no Tejo em um batel doirado e empavezado, coisa em que muito folgava e se entretinha. Ali o guarda do paço Duarte Ferreira preparavalle sempre uma appe-



A tradicional lampreia

novembro de 1757, que prohibe aos homens assar castanhas ás portas, vender alfeloas, obreias, gergelim, melao e azeitonas por ser essa venda exclusivamente destinada ao servico domestico e precisa sustentação de muitas mulheres pobres, naturaes d'estes reinos, que se ajudavam a viver e com sefeito viviam destes pequenos traficos sem que homens alguns se alveassem a perturbal-as n'elles.

Fica assim desvendado o mysterio.

(1) «Lisboa Antiga» de Julio de Castilho. Tomo V, 2.<sup>a</sup> edição.



titosa merenda, onde o doce não faltava, e que o rei gostosamente comia, com os fidalgos da sua comitiva, ao som de danças e musiquias (1).

Depois d'isto calam-se os chronistas e é preciso que passe meio seculo quasi para que um gosto a rebuçado nos passe pelos beiços. E' o seculo XVI que chega.

Então, deixando os atalhos esconso das velhas chronicas, já começamos a vêr estrada direita e melhor caminho. A estatística de Lisboa, manuscripto do anno de 1552, é preciosa n'este ponto (2).

Já n'esse tempo o doce era vendido pelas ruas. Uns dias antes e durante as

festas do Entrudo tinham os coscorões e as filloz largo consumo entre os gulosos, apesar da concorrência dos fornos caseiros onde as burguezas alfacinhas, de manguinhas arregaçadas, iam gritando a massa loira e macia no azeite fervente. Só as burguezas, bem entendido, porque as galantes da corte, as elegantes lisboetas não sujavam as mãos patricias, sempre enluvasadas, que até de luvas dormiam, a fazer bolos de soborrhalho. Quando muito fabricavam pivetes e pastilhas aromaticas, em laboratorios de toucador, vestiam-se de repicaponto para visitar as amigas ou perfumavam laguidamente os cabellos com banha de estoraque e agua de sabão francez (3).

Pelo Natal outras eram as guloseimas, predecessoras das nossas borças. Logo no meado de dezanbro assentavam arraiaes, no Pelourinho Velho e na Ribeira, 30 mulheres, com as suas mesas de tesoura cobertas de toalhas e manteus alvissimos, a vender pinhoadas, nogada, gergelim, marmelada cidrada e fartos. E

não era pouco o dinheiro que os apreciadores depositavam sobre as alvissimos toalhas. Durante o tempo d'esta venda faziam para cima de oitocentos cruzados. Para vêr quanto se apreciavam então as gulodices, basta dizer que a Estatística avalia em vinte mil cruzados annuaes o que a população de Lisboa dispndia n'essas extravagancias.

Essas vendeiras passaram incolumes, atravez da evolução mesologica, durante trezentos e cincoenta annos. Vêmol-as ainda ahí hoje a cada esquina mais frequentada dos bairros historicos; achamol-as fatalmente nas feiras, nas romarias e nos arraiaes. Até o estabelecimento se conservou fiel á tradição. E' a mesma meza de tesoura e a propria mercadoria pouco difere da mencionada no manuscripto. Se lhe vestissimos um corpinho de tramoia-vermelha ou uma vasquinha amarella quartapisada, conseguiriamos obter um quadrinho interessantissimo da Lisboa quinhentista.

Em 1620, no tempo em que escreveu frei Nicolau da Oliveira, o minucioso auctor das *Grandezas de Lisboa*, havia na cidade, guloso leitor,

54 confeitores, 40 pasteleiros e 12 biscoiteiros, sem falar em 15 moças que vendiam doces pelas portas e pondo de parte as monstruosas quantidades de bolos que se faziam nos conventos, a cujas portarias se vendiam mais guloseimas do que em todas as lojas da rua da Confeitaria (1). Hoje ha apenas, entre pasteleiros e confeitores, 44 lojas de doce em toda a cidade, numero insignificantisimo, se attendermos a que a nossa capital triplicou em extensão e em população.

Mas o periodo aureo da gulodice, o tempo em que as doçarias e os doceiros chegaram a ter um verdadeiro culto, com o seu sequito pittoresco de



Um pique-nique do seculo XVIII—(Quadro de Queluz)

(1) «Chronica de El-Rei D. Manuel.—Pag., 638 a 639.

(2) MSS. da B. Nacional.—Pag. 34.

(3) «Comedia Ulyssypno», de Jorge Ferreira de Vasconcellos.

(1) Em 1550 havia n'esta rua 33 confeitores, diz a Estatística.

adoradores e de fanaticos, veiu depois ainda. Foi o seculo XVIII, o seculo de D. João V, o monarcha magnanimo e guloso, apaixonado e galanteador e um dos mais celebrados comedores de ladrilhos de marmelada.

Quem lêr a obra gastronomica de Domingos Rodrigues, cozinheiro de sua Magestade Fidelissima, intitulada *Arte da Cozinha*, pasmará decerto perante as receitas e prescripções culinarias que compõem o pantagruelico oitavo, impresso em 1765. O mais estremado comilão de

hoje desfalleceria a meio de um d'aquelles pavorosos banquetes de 48 pratos, cujas ementas Domingos Rodrigues compoz como um verdadeiro artista da sua especialidade. Um banquete dos mais comezinhos fazia arripiar o proprio morgado de Villar de Perdizes, que passou no seu tempo pelo mais acepiceiro dos fidalgos transmontanos. Essas ementas da *Arte da Cozinha* dão-nos a medida exacta da rigissima compleição dos estomagos nacionaes, que, depois de terem absorvido pasteis de mariscos diversos, tortãos, frangos, pasteis de bocca de dama do tamanho de dois tostões, embutiam e digeriam ainda ólha podrida castelhana, com vacca, carneiro, mãos de porco, presunto e mãos de nabo, e para terminar, ovos molles, tigelinhas de manjar branco e mexilhão d'Aveiro.

Um digno commensal em mezas de tal calibre foi o infante D. Francisco, que veiu a morrer, com toda a coherencia, de uma indigestão de lagosta. (1) Seu irmão El-Rei D. João V não lhe ficava tambem muito atraz em heroismos culinarios. Nos seus deva-

neios amorudos em Odivellas, intermeava as pulsações do coração com as contracções do estomago, mordiscando ladrilhos de marmelada em dueto com a madre Paula; e tanto assim que um d'esses quadradinhos de doce, com vestigios evidentes de mordeduras regias, serviu, juntamente com outros ingredientes de procedencia menos limpa, para uma celebre sorte de bruxedo que foi um dos mais apregoados escandalos d'esse tempo. (1)

Quando, já atacado do mal que o havia de matar, o rei foi para as Caldas a procurar allivios, os frades de Alcobaça enviaram-lhe como presente, afóra quantidade estupenda de gallinhas, presuntos e carneiros, 333 caixas de doce. (2)

Digno presente de frades para um rei como D. João V!



Uma merenda ao ar livre—(Quadro de Queluz)

Tanto nas festas da córte como nos sa-raus e assembleas particulares as bandejas e salvas de prata flam-mantes e em-bandeiradas, cheias de doces variados, eram o mais procurado e tentador atractivo.

Todos comiam desaforadamente. Os poetas, as franças, os casquilhos e os jarretas ti-

nam, diante d'elles, os mesmos im-petos gulosos. Os lacinhos, as testinhas, as tigelas de manjar branco, as argolinhas de amendoa, as tortas de nata, o massapão de ovos, os rebuçados e as trouxas desapareciam tão rapidamente pela bocca dos desembargadores sizudos como por entre os labios vermelhos das damas mosqueadas de signaes. Era um verdadeiro delirio!

O falacioso Thomás Pinto Brandão, um dos poetas preferidos por D. João V, que assistiu, em 1730, a uma grande festa que o marquez de Marialva deu no seu pala-

(1) Idem, idem.

(2) «Portugal na época de D. João V,» por M. Bernardes Branco.

(1) «As amantes de D. João V,» por Alberto Pimentel.



cio do Loreto, deixou-nos d'ella esta lembrança poetica:

Não foi possível de doces  
Achar, por muita abundancia  
Pena com que os escrevera  
Papel com que os embulhára (1)

Calcule-se o que não seria, e que avallança de bolos não despenharia o Marquez sobre os convidados, para o poeta, habituado a grandes comezainas, fazer semelhante pasmo.

Depois do primeiro serviço, vinha sempre a agua gelada chiando nos pucariños de barro que era um consolo ouvil-a; e a agua desaparecia, como os doces, bebida devagarinho, aos golos, saboreada pelas ga'antes franças que a seguir trincavam e enguliam o pucaro, com a mesma facilidade como trincariam um biscoito. Esses pucariños finissimos, quasi transparentes, fizeram a fortuna do Romão, oleiro da rua do Bombarda, que os vendia aos centos ás elegantes de Lisboa. (2)

Havia damas que comiam a fio meia duzia de pucaros.

A moda degenerou n'uma verdadeira loucura ahí pelo meado do seculo XVIII, mas já antes d'isso ella campeava em Lisboa.

Em 1668, por exemplo, a menina D. Cecilia de Menezes tal quantidade de pucaros comeu e tanta agua gela da ingeriu que, se não fôra o soccorro eficaz do dr. Curvo Semedo, teria morrido infallivelmente. Era esta menina decerto muito extravagante, porque pouco tempo depois esteve outra vez ás portas da morte com uma indigestão de doces, perras e melões. (3).

(1) «Pinto Renascido Empenado e Desempenado». — Pag., 313.

(2) «Theatro de Manuel de Figueiredo». — Tomo XIV. — Notas de Francisco Coelho de Figueiredo.

(3) «Observações Medico Doutrinaes»

Continuem os poetas arcades não ficavam atraz das damas no assalto em forma ás bandejas de doce e imitaram, tanto quanto possível, a tradição gulosa de Antonio da Fonseca Soares, poeta e miliciano, que farto do mundo e do doce de ovos entrou em religião com o nome seráfico de Frei Antonio das Chagas. O poeta setecentista, fosse elle Nicolau Tolentino e tivesse um verdadeiro talento, ou chamiasse-se Joaquim Manuel e fosse um simples tocador de *lun-dun*, era uma creatura servil, bajuladora e adocicada que não faltava nas assembléas e partidas, de que o Garção troçou, improvisando glosas e adivinhas, despejando sonetos e copinhos de licôr de canella e devorando rebuçados para avivar a inspiração.

Na comedia *Peraltas e secias*, onde o sr. Marcelino Mesquita enfeixou primorosamente alguns quadros fieis dos costumes do seculo XVIII, lá apparece, exacto e perfeitamente reconstruído, um arcade da laia de Joaquim Manuel — o poeta Caldas — que bem pode ser uma caricatura feliz de Domingos Caldas Barbosa, outro langui-

do tocador de *lun-dun*, muito apreciado pelas sécias e commensal obrigatorio dos jantares succulentos dos fidalgos. Mas elles não só comiam os doces, celebravam-os tambem; desferiam a condescendente lyra em sua honra. Guloseimas houve que mereceram decimas laudatorias, odes, idyllios e até sonetos. A poesia do seculo XVIII está inçada d'estas extravagancias. No tomo v do *Anatomico Jocosso* vem um soneto, em louvor de um guizado de leite e ovos, que é bastante carnavalesco e naturalmente feito por essa época, consagrada ás grandes barrigadas de doce e de rizo — permitta-se o plebeismo.

— pelo dr. João Curvo Semedo. — Pag. 20 a 34.



Uma feta galante — (Quadro de Queluz)

Lá diz o poeta :

Filhós, fatias, sonhos, mal assádas,  
Galinhas, porco, vacca e mais carneiro,  
Os perús em poder do pasteleiro,  
Esguichar, deitar pulhas, laranjadas,

Enfarinhar, pôr rabos, dar rizadas,  
Gastar para comer muito dinheiro,  
Não ter mãos a medir o taberneiro,  
Com restes de cebolas dar pançadas,

Das janellas com tanhos dar na gente,  
A buzina tanger, quebrar panellas,  
Querer em um só dia comer tudo

Não perdoar a arroz, nem cuzuz quentes,  
Despejar pratos, e limpar tijellas,  
Estas as festas são do gordo entrudo.

No livro de Miscelaneas, n.º 15, 226 da Bibliotheca Nacional, encontra-se incluído um folheto com a data de 1788 e com o seguinte retumbante titulo: *Resumo do libello que os fanaticos e loucos peraltas formaram contra os doces; e das penas a que os juizes deputados da meza da golasina os sentenciaram por debitos que fomentou a amizade—offerecida aos jarretes de bom gosto, com bastante ferrixil para digestão de bons bocados, por Jacome Antão Lozado.*

O auctor do folheto, que se acoberta no pseudonymo, figura o julgamento das diferentes doçarias accusadas pelos peraltas queixosos de suas patifarias, e que allegavam que ellas lhes haviam feito tanto mal que poucos ou nenhuns havia que não tivessem morrido ou morressem por amor d'elles.

Tudo isto é pretexto para uma serie de trocadilhos, alguns engraçados, mas fastidiosos pela extensão. No figurado julgamento o primeiro que appareceu foi o pão de ló e como não sabia a que era chamado veio todo vestido de amarello gemado e tão jófo, como costume; porem tanto que viu os graves delictos de que foi arguido, confessou, se bem que indecorosamente os comettera, estando bebado. E não sendo admittida por sufficiente a quantada, foi condemnado a morrer afogado em vinho.

Depois veem a seguir o *assucar rosado*, o *caramello*, o *alcorce*, os *negrinhos*, o *alfeim*, os *confeitos*, os *morgados*, o *farte*, o *coscorel*, o *massapão*, a *escorcioneira*, os *ovos reaes* e outras especialidades, até que chegou a vez aos *sonhos*, que allegaram serem as suas culpas sonhadas e que seria iniquidade condemnal-os, por não haver lei que mande castigar as culpas cometidas em sonhos. Finalmente vem o assucar, que é condemnado a ser queimado, e assim termina o julgamento.

Este folheto devia certamente ter tido um largo consumo, pois na puerilidade do assumpto emparelha muito bem com as *Prophecias da Madre Leocadia* e as *Trovas do Pretinho do Japão*, que foram as obras mais lidas e de maior voga em Portugal na primeira metade do seculo XVIII.

A maior parte das gulodices de que reza o escripto de Jacome Antão Lozado eram feitas nos conventos de Lisboa e das cercanias. Durante os largos ocios conventuales, as lindas enclausuradas fabricavam delicadissimos doces.

Que occupação haveria mais propria para aquellas mãosinhas deliciosamente inactivas, que pouco mais tinham a fazer do que passar as contas do rosario? Assim, entretinhavam-se, dedicavam-se de alma e coração ao seu officio de confeiteiras; punham toda a sua arte em preparar

esses pequeninos prodigios de conservaria, que depois carinhosamente envolviam em pedaços de papel recortado a capricho, onde, umas vezes por outras, escreviam as suas orações mysticas e os seus bilhetinhos profanos.

As freiras de Santa Martha fabricavam umas borôas de especie que era de comer e chorar por mais. As Albertas faziam bellamente arroz doce, com enfeites mirabolantes de canella—corações atravessados por settas, cupidinhos alados e outras galantarias. Os queijinhos de especie eram uma especialidade do mosteiro da Esperança; os bolos seccos vinham das Grillas do Beato e das Trinitarias do Rato; o melhor manjar branco era feito pelas freiras de Chellas. Mas a todas levavam as lampas as bernardas ricas de Odivellas. As



Uma peça de nógado



galantes e aristocraticas freiras, a que a preferencia de D. João V deu liberdades invejáveis, foram inatingidas no fabrico de marmellada — a sua corôa de gloria!

Na larga cozinha do convento, era vèlas, atarefadas e gentis, comendo os *tabejes* e os *penhascos*, borboleteando de um lado para o outro, executando a primor a receita dos *esquecidos* ou dos *suspiros*, de aventalinho branco sobre o habito, buliçosas e ridentes. E quantos regalos se permitiam áquellas avesinhas, na sua gaiola de oiro! Na noite do Natal lavavam os olhos no côro com sumo de

coevas contam coisas pavorosas a este respeito. Uma vez, n'um d'esses oiteiros, o poeta Antonio Lobo de Carvalho apañou a mais prosaica indigestão de manjar branco de que ha memoria. Valeu-lhe isso uma violenta satyra do abbade do Desterro, poeta tonsurado que tambem frequentava as grades de Odivellas, e de que elle mais tarde se vingou n'um sarau das Picôas, onde a maliciosa freira Maria do Monte, que sabia do caso, lhe deu o mote seguinte:

E' de esphera superior.  
O abbade do Desterro



Um grande laboratorio

melancia; nos dias de abbadessado, a ronda gentil dos poetas, que corria ás grades a pedir motes e bolos, podia enlevar-se a contemplar o grupo galante das reclusas, de habitos decotados, sapatinho de setim, espartilho justo e cabellos polvilhados, apinhando-se no terraço que encimava a casa do capitulo. (1)

Os oiteiros de Odivellas eram, de todos, os mais concorridos e havia razào para isso. Em nenhum outro mosteiro as recompensas eram mais generosas. A cada mote glosado, despejava-se uma catadupa de bolos sobre os vates e, de vez em quando, lá vinha á mistura um bilhete perfumado, cheio de promessas ainda mais doces do que a propria marmelada. As memorias

E o poeta glosou raivoso:

Nasceu n'um aspero serro  
Ha coisa de setent'annos,  
Entre machos e castelhanos,  
*O abbade do Desterro.*  
Poz-lh'o geral o seu ferro:  
Trotou um anno em redor:  
Ensaia-se a macho mór:  
O freio e a sella lh'a amarga  
Mas para besta de carga  
*E' de esphera superior.* (1)

Se o abbade estivesse presente havia de doer-se. A vingança foi terrivel!

O ultimo oiteiro em Odivellas foi em 1852. Na noite de S. João de 1827, ainda ali poetou Garrett.

(1) «O mosteiro de Odivellas», por Borges de Figueiredo.

(1) «Pintura de um Outeiro Nocturno», pelo Marquez de Rezende.

O doce era um excellenté incentivo para as musas — não ha duvida nenhuma.

Faustino Xavier de Moraes, de uma vez, n'um oiteiro portuense, estava furo porque as freiras da Ave Maria não se explicavam com as guloseimas costumadas. Eis senão quando uma das recolhidas grita este mote da grade:

«Doce paz, doce ventura!»

Faustino sente borbulhar uma inspiração salvadora. Bate as palmas e glosa d'este feitiço:

Lá n'essas grades mofinas  
Duas ama este rapaz:  
Uma Ventura, outra Paz,  
Se chamam as taes meninas:  
Quero vêr se são ferinas,  
Ou lhes doe minha amargura;  
Quero vêr qual me procura  
A fome satisfazer:  
Meninas, quero comer:  
«Doce, Paz! Doce, Ventura!» (1)

Tinha ou não tinha talento, este poeta lambareiro? O doce veio; naturalmente a especialidade do mosteiro, que era tocinho do ceu.

Bom é de notar. Não eram só os conventos de freiras que fabricavam doce. Os frades tambem colaboravam para o bom nome das conservarias monaças. Os Mariannos, por exemplo, faziam arroz doce com pericia notavel, razão por que estavam sempre em guerra accessa com as Albertas. Os bons dos frades até tinham uma receita especial de arroz doce para a Quaresma. No louvavel intuito de tirar os escrupulos aos gulosos devotos, faziam-no, por esse tempo, com leite de amendoa, para que a idéa do leite de vacca não afugentasse os compradores (2).

Tão bem sabiam elles conciliar os preceitos da religião com os interesses do convento. Artistas em toda a extensão da palavra.

Com a extincção dos conventos, o nosso patrimonio doce soffreu uma quebra consideravel. Muitas receitas perderam-se e muitas das que sobreviveram á derrocada de 1834 extinguiram-se, porque se perdeu d'ellas a tradição.

Depois vieram os conserveiros francezes, que lograram acceitação entre os gulosos pela novidade dos seus productos.

Foi esta a maior desgraça. Os nossos conserveiros, vendo aquelle exito rapido, começaram a imital-os e, a pouco e pouco, foram abastardando e substituindo os velhos processos de fabrico.

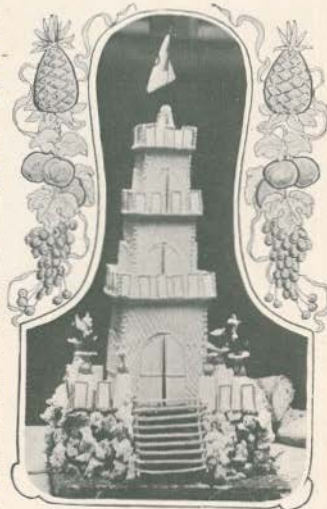
Apesar d'isto tudo, custa crêr, é ainda avultado, relativamente, o espolio doce dos conventos.

Ainda hoje são celebres as *murcellas doces* de Arouca, o *pão de ló* de Rezende, de Margaride e de Figueiró, o *bolo padre* do convento do Paraizo, em Evora, os *celestes* de Santarem, os *pasteis de Tentugal* e de Santa Clara, as *frutas* de

Cezimbra, Elvas e Setubal, os *pasteis* de Marvilla, os *bolos folhados* de Carnide, o *caramello* das Bernardas de Tavira, os *fiões de ovos* de Santa Iria de Thomar, as *borbas* de Almeirim, as *vizvas* de Braga, o *manjar branco* de Celias, a *amendoada* do Algarve, o *tocinho do ceu* de Guimaraes, os *ovos molles* de Aveiro e tantas outras especialidades espalhadas por todo este bello paiz.

Perto aqui de Lisboa, gozam de justificada fama as *queijadas* de Cintra, fabricadas na Mathilde, a *marmelada* e os *esquecidos* de Odivellas, — feitos conforme a antiga receita do mosteiro, por uma antiga creada das freiras — e os *biscuitos e palitos* de Oeiras. Estes bolos

tão apregoados a nossos ouvidos remontam a uma antiguidade digna de registo. A actual fabricante, a sr.<sup>a</sup> Gertrudes Magna Pereira, que conta 85 annos, diz que conheceu a sua avó, tão velha como ella, a fabricar os biscuitos e palitos e que esta lhe contára tambem ter conhecido a sua que se entregava ao mesmo officio. Ha cerca de duzentos annos, pois, que esta fa-



Castello facil de investir

(1) Obras de Faustino Xavier de Moraes. — Pag. 179 da edição de 1856.

(2) «O mosteiro de Odivellas», — já citado.



mília fabrica e vende aquella especialidade. E' uma verdadeira nobreza. Não terá costella de oiro, mas isso pouco importa. Em Cascaes, na calçada d'Assumpção, a loja do *Faz tudo* é um estabelecimento de primeira ordem no genero. Os *bolos de areia*, as *Joanninhas* e os *bolos reaes* são a sua especialidade. Vende muito ainda hoje e a sua freguezia, principalmente de verão, é escolhida como poucas. O nome da loja deriva de um dos passados proprietarios, a quem, por ser muito habilidoso, chamavam o *Faz tudo*. Um conselho de amigo: Quem quizer saber o que é bom vá lá provar um *pastelinho de Marvão* ou uma *barriga de Freira*. Nem em Odivellas havia melhor!

Memorias de pasteleiros portuguezes setecentistas, poucas ha. Em 1758, chegou a ter alguma fama o pasteleiro Manuel da Fonseca, que tinha a sua loja á Cruz da Pedra. Annos depois houve um preto em Lisboa que fazia bellamente toda a sorte de guloseimas, o que exasperou todos os confeitheiros lisboetas a ponto de o perseguirem e desacreditarem. Foi necessario que o Ministerio do Reino expedisse um aviso notificando aos juizes d'aquelle officio que não puzessem embaraços ao negro no exercicio do seu mister. (1)

Depois apparece-nos o pasteleiro do Rato, que ainda hoje existe mas já descaido do seu antigo esplendor. E' a loja n.º 15 ao pé da porta do theatro. Em 1740 e tantos estava ella no apogeu da sua celebridade. No meado do seculo passado dirigia-a um antigo copeiro do Marquez de Vianna, que outr'ora deliciava a aristocracia nos famosos bailes d'aquelle titular. E' hoje seu proprietario o sr. L. P. Nunes Ribeiro.

Afóra isto apenas encontro um unico vestigio de pastelarias do seculo XVIII: é a travessa do *Pastelleiro*, onde, por signal, teve a sua loja de barbeiro, o autor da *Licore*, o arcade Domingos dos Reis Pinto. (2)

Ao pasteleiro do Rato succedeu o da rua da Rosa, celebrado pelos seus sabrosos pasteis.—E' a loja que hoje tem os n.ºs 109 a 171. Este teve a sua consagração—coisa rara. Immortalisou-o o pincel de Manuel Bordallo Pinheiro. Tal fortuna não teve o de Belem, não menos

afamado do que este, pelos pastelinhos de nata da sua lavra. E' voz corrente em Belem que a receita do seu fabrico foi comprada por cem mil réis a um individuo chamado Caetano, que a herdara de um seu parente estabelecido com um botequim nos arcos da villa.

Essa receita é preciosidade inestimavel. Dizem que o sr. Ignacio Benjamim Ramos Alves, dono actual do estabelecimento, se encerra n'um gabinete escuro para compôr a deliciosa massa dos pasteis e o competente recheio. N'estas occasiões fica incommunicavel. Se alguém o quizesse procurar acontecer-lhe-hia naturalmente o que succedeu a uma senhora portugueza em Cauterets, o verão passado, que, desejando falar ao pasteleiro Kazaux, encontrou na esposa d'este a mais formal negativa. Intrigada com o caso, perguntou finalmente a *madame* porque razão não podia falar a seu marido, ao que ella accedeu, respondendo-lhe entre mysteriosa e altiva: *Monsieur Kazaux... compose!* Pois é talqualmente o que acontece com o seu collega de Belem. Quando está compoendo é como se morresse para os freguezes. E' pelo menos o que dizem.

Outras duas lojas de doceiros notaveis na nossa capital são o *Cocó* e a *Seraphina*; o primeiro celebre pelo seu doce

de ovos, a segunda pelas suas queijadas de *côco* e por outras doçarias apreciadas. Esta foi fundada em 1838 por Maria da Madre de Deus, filha da Seraphina, famosa padeira bairrista que tinha o seu estabelecimento na mesma rua, á esquina de S. Marçal.—E' o seu actual proprietario o sr. Antonio Rodrigues Mauricio, que a comprou á viuva de Luiz Lino Nunes, neto da Seraphina. O Balthesqui e o Ferrari foram, durante muito tempo, os conserveiros da moda. A loja d'este, fechada, ha pouco, por motivos que davam uma historia, foi fundada por Mathias Ferrari, filho de outro conserveiro, Hilario Ferrari, migue- lista acerrimo, condecorado com a Real Effigie e dono de uma pastelaria á Patriarchal (onde está hoje o palacio Ribeiro da Cunha) afamada pelo excellente torrão de Alicante que vendia. A *Violete* e o Marquez succederam-lhe na voga galante. Fornecem todos os jantares e lanches de casamentos elegantes, seivem chá ás cinco horas, vendem *brioche*s, *bon-bons*, *si-gnês* e outras francezias semelhantes.

G. DE MATOS SEQUEIRA.



—Aqui está o chocolate!—(Galéria de Dresde)

(DOCES DA CASA MARQUES)  
(CLICHÉS DE A. NOVARS  
E DE BENOLIEL)

(1) Livro 9 dos AVISOS do Ministerio do Reino, do anno de 1763.—Pag. 141.  
(2) Memorias do Bispo do Grão Pará, publicadas por Camillo Castello Branco.

# UMA FESTA DA COLONIA PORTUGUEZA EM BUENOS AYRES



**E**XISTE na República Argentina uma colonia portugueza importante, e hoje relativamente numerosa, que n'aquelle paiz novo e admiravelmente florescente se afirma vantajosamente pela energia do seu esforço e pela seriedade do seu trabalho, como

mo pela intelligencia e situação social de muitos dos seus membros.

A parte d'essa colonia residente em Buenos Ayres celebrou o anno passado com especial solemnidade a data do primeiro de dezembro, realisando diversas manifestações commemorativas a que assistiu

tudo o que ha de mais selecto na sociedade luso-argentina, bem como o ministro de Portugal, sr. visconde de Meyrelles, que para esse fim veiu de proposito de Montevideu, onde havia ido com o fim de apresentar as suas credenciaes ao governo do Uruguay.

Entre as festas que a colonia portugueza de Buenos Ayres levou a cabo, solemnizando a Restauração de 1640, destaca-se, pelo exito obtido, o sarau litterario musical, seguido de baile, que uma commissão composta dos srs. Rufi-



O ministro e os srs. D. M. Pithoud e Quernbina Roget e a commissão organizadora da festa—O sr. visconde de Meyrelles com a commissão que organiso a festa em sua honra e commemorando a Restauração de Portugal: srs. Agustín Bettinotti, Rufino de Freitas Oliveira, Eduardo Ancella, Arthur Vieira, ministro, Edmundo Emeraldo, Antonio da Cunha, Gabriel Gonçalves, Joaquim Vieira, João Caetano





*A concorrência durante o baile*

no de Freitas Oliveira, Antonio e Alfredo da Cunha, Eduardo Ancella, Rodolpho Ramos, A. Bettinotti, E. Batalha, G. Gonçalves, João Caetano, Joaquim Vieira e F. Villamil, e presidida pelo sr. A. Vieira, organizou na noite de 30 de novembro ultimo, dedicando-o ao nosso representante na Republica Argentina, sr. visconde de Meyrelles.

Nos esplendidos salões do Centro Portuguez, adornados de bonitos galhardetes e

Argentina, que tecem, ao mesmo tempo, os mais rasgados elogios ao nosso ministro, sr. visconde de Meyrelles, que prontamente conquistou não só as sympathias de toda a colonia portugueza, como tambem as do corpo diplomatico e da melhor sociedade de Buenos Ayres.

Folgamos de poder registrar estes testemunhos, de tal modo honrosos, para um grupo valioso dos nossos compatriotas que fora da patria, mourejam e illustram o nome portuguez.



*O sr. ministro e a assistência durante a função theatral*

escudos com phrases allegoricas, inundados de luz e floridos como um jardim, ao entrar o sr. ministro de Portugal, acompanhado do vice-consul em Rosario sr. Edmundo Esmeraldo, deu principio ao sarau um sextetto de eximios professores da orchestra Campoamor, executando os hymnos Argentino e da Carta, que foram ouvidos de pé por toda a concorrência e applaudidos com verdadeiro entusiasmo. Seguiu-se a recitação de varias poesias e a execução de diferentes trechos musicais, terminando a festa por um animadissimo baile.

As photographias que hoje publicamos, e que foram reproduzidas tambem pelas revistas Illustradas de Buenos Ayres, dão uma idéa do entusiasmo que reinou n'essas reuniões patrioticas, confirmando as referencias lisongeiros que a seu respeito publicaram os jornaes mais importantes da Republica

FRANCISCO  
O SEU

DE ANDRADE  
JUBILEU



1907



1882

*A respeito de Francisco de Andrade, o primoroso e illustre cantor ha tantos annos vivendo na Alemanha, que o tem á quasi como um artista seu, festejando-o com o mais apaixonado enthusiasmo e carinho, recebemos uma noticia interessante descrevendo uma festa deveras original, de que os leitores da Illustração terão decerto prazer em ter conhecimento.*

Si puó?



**F**RANCISCO D'ANDRADE que debutou em 23 de dezembro de 1882 no theatro Principe Amadeu de San Remo, cantando a parte de Amonastro da opera *Aida*, do maestro Verdi, resolveu festejar na sua casa de Berlim, na noite de 23 de dezembro do anno findo, o complemento dos seus 25 annos de carreira artistica, mas na maior singularidade. Para isso convidára só os seus amigos mais intimos. Sua mulher, porém, conspirou com os convidados e eis o que succedeu:

A' hora ajustada, estava elle prompto para os receber; apresenta-se o criado e annuncia *D. Anna* e *D. Otavio*. Deveras surprehendido dirigiu-se para o gabinete de sua mulher (aonde ha 2 dias não lhe era permitido entrar) e vê alli sua comadre madame Barnay e genro nos trajos para elle tão conhecidos dos ditos personagens de *D.*

João! e a seguir: o *Comendador*, *D. Elvira*, *Zerlina*, *Leporello*, *Mazetto*, *camponезes*, *camponезas*, *cavalleiros*, etc, emfim todos os personagens da bella opera de Mozart, e com elles o maestro regente de orchestra na pessoa do nosso illustre compatriota e amigo *Vianna da Motta!* *Madame Irma* de Andrade tambem se tinha transformado (como por encanto) em camponезa. O gabinete estava completamente decorado com as mais ricas fitas das corças que elle tem recebido e fazia um effeito magnifico. A pedido de todos tem então de envergar o fato do ultimo acto de *D. João!*

Abrem-se depois as portas corrediças da casa de jantar e esta, em que não jantára no dia anterior, (por ter ido jantar fóra, convidado expressamente em virtude da mesma *conspiração!*) estava transformada n'uma galleria de 8 columnas douradas, ornadas de guirlandas de rosas, tendo á direita uma varanda com plantas, flôres e até *laranjas*, representando o jardim e parque do palacio de *D. João!* A meza, ao centro, estava deslumbrante de pratos, chrystales e flôres!

A surpresa para o festejado foi immensa; mas ainda houve mais. Depois d'elle ter offe-

Nos Palhaços —  
O debut de Francisco de Andrade na *Aida*



recido o braço a D. Anna (madame Barnay) e tomado o seu lugar á cabeceira da meza, tendo tomado tambem os seus logares todos os outros convidados, apaga-se de repente a iluminação toda, e no meio de relampagos e com reflexos de luz imitando o luar, apparece no outro extremo da sala a estatua do Commendador!! O commendador cantou a



amabilissima. Depois da ceia tocou o Vianna da Motta com Hekking, celebre violoncellista, duettos, e ainda cada um a sós, e finalmente Francisco d'Andrade, em agradecimento aos seus amigos e convidados da bella festa para que todos contribuíram, cantou o brinde do *Hamlet* e a Pastoral, bella composição de Vianna da Motta, dedicada a elle.»



sua entrada (era o artista que tinha cantado com Francisco d'Andrade em Salzburg, nas festas a Mozart, no verão passado) com modificação na letra alludindo comicamente á occasião, e elle respondeu-lhe instinctivamente á deusa, tendo Leporello (que era o professor Slevogt) cantado tambem a sua phrase.

Os convidados, apesar de para elles a surpresa não ser tão completa como para Andrade, ficaram tão entusiasmados que fizeram uma verdadeira ovação á dona da casa D. Irma, que tudo ideou, ensaiou e preparou.

O resto da noite passou-se em enorme entusiasmo, sendo lidos quatro brindes allusivos: um de Ludwig Barnay e outros de tres amigos, um dos quaes em verso. Offerecidas foram-lhe: 2 corôas de prata, uma sobre uma rica almofada e outra dentro d'um bello estojo, uma outra corôa prateada, uma lyra enorme, de louro, com fitas, outra de louro dourado e uma garrafa de prata. Recebeu muitas cartas e telegrammas, tambem.

Lilli Lehmann mandou lhe o seu retrato n'uma bonita moldura, com um ramo de flôres e uma carta



Foi ha vinte tantos annos, —como o tempo corre!— que os dois irmãos Andrades, bem conhecidos e muito estimados na melhor sociedade de Lisboa, partiram um dia, quasi de surpresa, para Milão, com o fim de estudar musica, para serem cantores. Ninguem acreditou então, no primeiro momento, que elles conseguissem o seu fim. Pensou-se que aquillo não passaria de uma escapade sem consequencias, de dois estudantes sufficientemente aborrecidos do convívio com os codigos e os seus comentadores da Universidade. Não era costume produzir Portugal cantores, e por isso não se imaginava que podessem logo de uma assentada surgir dois.

E, comtudo, não tinham sombra de razão os que duvidavam.

Os dois Andrades, obedeciam a um impulso de verdadeira vocação, e tinham ponderado bem a sua resolução. Os annos de estudo correram rapidos na Italia, e um bello dia revelaram-se ambos dois artistas de superior merito, tão notaveis pelo

O menu do banquet  
— Diversos  
attitudes no D. João



No 1.º acto de D. João

O ultimo acto de D. João

seu admiravel talento artistico como pela sua perfeita educação musical.

Infelizmente Antonio de Andrade, por ter perdido o ouvido, teve de abandonar bem cedo, e com natural pesar seu, a carreira que tão auspiciosamente encetára. Mas Francisco de Andrade continuou e é hoje o glorioso cantor, de reputação e fama europeia.

Conjuntamente com as photographias, que representam Francisco d'Andrade na sua principal criação, reproduzimos tambem o menu do jantar, desenhado pelo illustre pintor Slevogt.



A serenata de D. João

2.º acto de D. João

amigo pessoal do distincto artista, e auctor de dois bellos retratos seus, a que a *Illustração Portugueza* já se referiu. A redacção do menu é bastante espirotuosa, como se verá pela traducção que publicamos em seguida :

- Ostras do Navio Phantasma.
- Consommé Amonasro.
- Trutas de Heidelberg à Figaro.
- Gallinha ao gosto de D. João.
- Veado com salada à Rigoletto.
- Gelados — Doces variados.
- Dessert. Fructas, entre as quaes maçãs à Till.



# O ENTERRO DE D. JOÃO DA CAMARA



No leito mortuario—Adelina e Aura Abranches—Convidados entrando na capella  
—Os srs. Teixeira Queiros, Marcellino Mesquita e Ramalho Ortigão— Os actores Brazão  
e Ferreira da Silva e o sr. Julio Dantas



*O sahimento do feretro: casa da Inuqueta*





actores Gomes Cabral, Pinheiro, Carlos Santos e Maia, e sr. Moniz  
—Junto do jazigo—A actriz Carmen Cardoso—Sege funeraria á porta do palacio—O sr. conde  
de Monaraz e o actor Augusto Rosa saindo do cemiterio—Os srs. Moura Cabral, André Brun, Julio Dantas  
Fretas Branco e actor Brazão no cemiterio—Saindo da capella  
(CLICHÉS DE BRNOLIEL)

## A SERVENTE DE COIMBRA

a republica passeia o *roast-bife* do jantar, e o estudante lá vae pingando, aos poucos, bem apertadinho com lamurias lagrimjantes, o poido metal que se transforma na arrecada, no cordão de ouro, no resgate do bragal que as ferias grandes condemnaram aos juro do *prego*...

Mas a servente ultrapassa, hei de confessal-o, os limites minguados d'um simples *typo*. Dentro da sua modestia exterior e da saia coçada de chita, uma verdadeira e solida instituição se resguarda das vistas profanas — especie talvez de carta constitucional do fóro academico, de que cada *typo* individual fórma capitulo, uma serie de principios basilares que dirigem e orientam o nosso accidentado destino. E ai do irreverente ou inepto que ousa violar esse codigo falante, agora supplicando de lacrimal humedecido, para indicar logo a sua regra de conducta, o ar carregado de experiencia, o sorrir enigmatico de quem esconde matreiramente mundos de segredos! Ai do transviado que não o observa! Não se fará esperar a conta da mercearia a caustical-o, o sapateiro a intimar, ameaçador, o pagamento immediato de meias solas, e acima de tudo, bem acima — a penna treme o registal-o! — a perda da tricaninha galante, que se vae com um «adeusinho até mais vêr», o

passo ligeiro, o rosto pallido da Senhora das Vigílias encolerizado sob o lenço de seda escarlate, a que o chale Tonkin, apanhado no pescoco, escandalisadamente cingido as fórmas ondulosas, dá o aspecto gracioso d'uma *côca*.

Sem a servente e o seu conselho turgido de secretas reminiscencias, o estudante naufragaria a cada passo n'este dóce mar cheio de escolhos. De maneira que a peor servente, ainda que certa *unka* tradicional, preventivamente denunciada em paginas mádu-

NINGUEM dirá, ao primeiro relance, que este *typo* — a servente de Coimbra — na apparencia tão banal e tão commum, dê assumpto para mais do que ligeira e escassa nota, em meia folha de papel almaço.

A servente: *typo* de velha, meio desdentada, meio encanecida, com maus e raros dentes e um emaranhamento confuso de rugas a cortar-lhe a face crestada — quasi um *mappa mundi*, em que cada ruga delimita uma provincia do vicio. Além d'isso faz camas, varre quartos, cura das voltas da rua: e eis o *typo* completo, secco, incarecteristicamente comesinho.

E aqui está um exemplo a revelar quanto as apparencias são, na realidade, o verniz ou a poeira que lustra barro pôdre e embaça translucido *crystal*... Porque, bem examinada, a servente de Coimbra offerece-nos o *typo* de feições mais caracteristicas e pittorescas, na sua vasta diversidade, que n'esta terra illustre rende graças ao Senhor pela vida que lhe deu, e pelo estudante que lhe coufio. Enfim, a vida, se não é absolutamente boa, e o estudante não é cationicamente *pontual*, sempre se supportam — graças ao mesmo Senhor: a vida ainda comporta uns momentos reinadios, em casa da comadre, à hora segura em que





ras do Palito Metrico, metta o fio cortante no leite e no bife do almoço, na bortalça, no pão, no vinho do jantar, não ha joia rutila de Madrasta, raro marfim do Oriente que hem a mereça. Não se paga com joia ou dinheiro, nem ha dinheiro que a pague: reverencia-se, a capa desdobrada, a cabeça baixa, o olhar respeitoso, o joelho quebrado, se preciso for, na attitude que convem á homenagem ao que de muito dispõe e muito dá, sem excluir as constituições fortemente defendidas da deprecação saci-ilega de garras sem escrupulos. Era já assim que, nos longinquos e fecundos valles da Mesopotomia, o homem pastoril, de crenga pura e oração doce, mui pura e docemente ajoelhava, reverenciando a ovelha a que tosquiva a lã, e o linho verde, a ondular ainda ao vento e ao sol, que devia ser urdido no tecido alvo dos sacrificios.

A servente não dá lã aproveitavel, n' m linho de que se extraiam sequer modestos fios caseiros, tão recomendados na cura de chagas. Em compensação, porém, a sua palavra e o seu labor valem filões interminaveis do garantido ouro. Ou ella se chame «ti Maria Feiteira» ou «ti Maria Marrafa», a sua acção reluz na vida bem orientada do filho de Minerva que lhe observa os mandamentos e lhe compensa as duras fadigas, como sangue viçoso em carne de epiderme fina e alva.

E seuão, vêde: a mercaria, que fornece o assucar e o colorau, aperta. Vem lesto o conselho, devidamente esclarecido no gesto que mostra claro os desvios por onde se chega á mansidão urbana da dívida, ainda ha pouco feroz, logo socialvel, humana, tirando cortezmente o seu chapéo, abrindo polidamente os labios n' um requerimento breve de desculpa — «até quando o senhor doutor quizer, ora essa! até quando o senhor doutor puder...»

Depois é a calça que se rasga, essa calça poidinha, mesmo no fio, mas que «estava ainda tão boa para a baína». A calça apparece dentro em pouco sem uma nodoa, um refeito, com um brilho de paño novo, amorosamente passada a ferro, sem vestigios sensiveis d'um uso aturado e heroico — o rasgão serzido a ponto de retroz, disfarçado com escrupulo e proficiencia. E vem immediato o desinteresse, como a gratidão que se reja e humilha: «Não é nada, senhor doutor... Ora o senhor doutor sempre tem coisas... eu cá não sou interessera! Mas, então... já que quer... muito obrigadinha, senhor doutor, seja pela saude dos seus...»

Um dia — o dia que mais nos visita, louvado Deus, que tanto dá aos que não sabem gosar-o! louvada Rainha Santa que esqueste aquella desejada virtude de cunhar moedas de ouro em petalas assetinadas, rescendentes á beira do

Mondego! — um dia não ha dinheiro para os viveres, para a sebenta, não ha ao menos duas alegres placas para a saia de castorina que se prodigalisa em amor. A mezada dissolveu-se, fugaz, na voragem, á maneira de espiral de fumo em manhã ventosa. Procede-se á via-sacra, obrigada a confissão plena n'uma republica, penitencia com visos d'arrependimento n'otra republica, colhendo os magros creditos d'uma absolvição magnanima. Ao fim da longa penitencia o obolo laborioso mal cobre o custo de duas caixas de phosphoros de luxo — aquellas de que os phosphoros custam menos do que o collo desnudado de Suzana e o rir postiço de Verly.

Que fazer, estrangulado nos dedos implacaveis da «necessidade?»

Ah! ahi vem o codigo fundamental, sollicito, indulgente, aberto no artigo perspicaz que prescreve o rezdo-chão do Favas, ou a escada escabrosa do Fonseca. E o codigo que prescreveu, torna-se diligente o orgão que executa. E' commovedor então, profanos plari-

seus, o recato previdente da salvadora, ao recolher, sob o aventa de chita, piscando o olho enternecedor, o casaco que reina só em ferias, a corrente superflua longe das suavidades castas da namorada! Claro, o juro é puxado, vae a cincoenta, trepa uma ou outra vez a sessenta por cento. Mas nem custa a pagar, quando se paga, colhido ao desabrochar da mezada, com a ternura carinhosa que as nossas mães empregam quando nos acariciam, ou lamentam a nossa dor de cabeça: «Eutão, senhor doutor... olhe, são apenas dez tostõesinhos, dez... quasi nada... com tres mil réis da corrente, quatro. Ai, senhor doutor, não ha nenhum como v. ex.ª! Tenho lá a minha filhita tão doente!... e quasi

nuasinha, sem ter que vestir... Ora, senhor doutor, eu não quero que se incomode... O senhor doutor!...» A questão é que chega novo dia de tormenta e ella, mais prompta do que o bater das horas, marcado pelos ponteiros, submissamente, nos numeros do mostrador, corre a valer á situação amargurada, com a sua meiga palavra e a cautela do «prego».

As suas magnificas praticas, porém, são principalmente magnificas nas horas turvas em que o desanimo bate ao coração inconstitucional, enfeitado por olhos ardentes de tricana, alheio á previa norma de conducta — olhos fataes, a destilar m subteis venenos na sua decura crepuscular, ou nos seus enternecimentos gaiatos, impregnados de malicias.

Não ha supplicas a que o desgarrado não tenha feito appello, no açoitado de lhe descerrar, n'uma complacencia, n'um sorriso, os labios insensiveis, mais frescos do que papoilas lavadas pelo orvalho. A sua facundia é abundante



em phrases lapidadas ao esmeril da rhetorica? São essas phrases, ás torrentes, que lhe lança ao ouvido indifferente, arreatado e prodigo como principe sensual, constellando de joias o collo frio, mas esplendido, de certa duqueza. E se nos seus olhos ingenuos se conserva fecunda a eloquencia irisada das lagrimas, não lagrimas doridas, fugindo, tremes, no rosto que o suspirar altera, (que veem sentidamente desvendar aquillo que a palavra mal traduz. E a tricaninha lepida, toda airosa e viva como a calhandra em farta painçada, mais altiva do que rainha sob os brocados e as purpuras que as multidões deslumbradas beijam, não esboça um leve gesto, de commovida pela supplica, de fascinada pela phrase, ou apiedada pela lagrima.

E nada d'isso se teria dado, ó imprevidente! se houvesse consultado antes o capitulo numero tantos da magna carta—por força é uma servente que te faz a

executam á pressa, muito açodadas desde as seis as dez da noite: a entrega da «sebenta». Mas nem ali falta a sua benigna lei de codigo sabido e experimentado: «São dezeseis paginas de Internacional, senhor doutor... Ora, que tem lá isso? oito antes do chá, e as outras oito vão depois...»

Eu penso com frequencia, recolhido, abysmado, no largo saber d'essas creaturas avelhentadas que, se exceptuarmos a hora em que a mezada floresce, são tantas vezes a taboa providencial que nos romances salva o naufrago da procella. Porque o seu saber é na realidade largo e fundo.

A servente pode não ter noções exactas ácerca da grammatica portugueza e das suas complexas regras variaveis e infinitas—são tão poucos os codigos que platonicamente curam d'essa prenda platonica! Ella



cama e ás vezes o bife, os ovos...—onde se prescreve a tal norma, a regra segura que torna submisso, amoroso, o aspero coração da tricana... Vel-a-hias então installada beatificamente, gulosamente, na sua suprema ventura, acordadas talvez, no fundo vago e saudoso da sua alma, recordações que o olhar indiscreto denuncia nos fulgores que o abraçam! Vel-a-hias sentar-se, espalmar as mãos callejadas sobre as pernas frouxas, chamar-te a conferencia secreta, e entre duas piscadellas d'olho e dois segredos cochichados ao ouvido, com gargalhadinhas consoladas, o caminho que conduz ao cubiçado amor surgiria facil deante da tua inexperiencia, como vereda de macia areia, ensombrada de madresilvas e botões de ouro...

A unica das suas attribuições que lhe imprime por vezes o aspecto dos mensageiros fatidicos, pio de coruja ou vidro quebrado, que desoladoramente annunciam desgraça, é a que ellas

póde não destrinçar com a certeza solida d'um astro-nomo a cauda quebrada da «Grande Ursa», confundindo-a lastimavelmente com os tres pontos luminosos do «Triangulo Boreal».

Creio mesmo que desconhece a existencia radiosa de Pericles, n'uma cidade olympica da culta e velha Grecia, quando as cortezãs divinizadas, de formas esplendidamente perfeitas, deixavam acariciar pelo ar e pelo sol de Jupiter a redondeza macia dos flancos como a brancura rosea das faces: porque os flancos, como as faces, desempenhavam por igual nobres funcões, concebendo ou sorrindo. E' muito provavel—não recuo, n'um oh! d'assombro, se m'o jurarem—que a mais conspicua servente ignora que n'um dia remoto, para além Caucaso, onde os vergeis florescem cedo e cedo o pampano desabrocha no suave pendor das collinas, onde restos da vetusta cidade d'Epheso, recobertos de



musgo, se amontoam carcomidos, um desastinado heretico, de nome Erostrato, tres seculos antes de Christo, reduziu ao silencio de escombros o mais bello e festejado templo de Diana.

Mesmo dentro dos limites familiares da nossa historia, em que refulgem épicas figuras de Gamas e Condestaveis, ia afirmar que nenhuma, d'entre todas, saberá medir a distancia que separa o senhor D. João V, freiratico e sensual, d'El-Rei D. Afonso I, rigido e severo como o punho do seu espadão. E qualquer d'ellas seria capaz de asseverar, jurando-o sob palavra, que Sebastião José de Carvalho, matador de Tavoras e de companheiros de Jesus, abriu loja de ferragens e miudezas — talvez as ferragens das matanças, as miudezas dos mortos! — n'este seculo mercantil, lá em baixo, na rua do Sargento-mór, em frente da Portagem... Tudo isto é possível, e nem serei eu que me espante se irrefutavelmente m'o provarem.

O que por certo me espantaria, se m'o mostrassem, era que a servente X ou a servente Z falha em ensinamentos que conduzam a bom porto um amor desarvorado, e não tenha sempre, infallível, a prescripção que allivia d'um crédor importuno, o preceito que cura da indisposição turbulenta sobre tres gariafas de Champagne, que redime d'um aperto, se falta a camisa lavada e engommada ao domingo, por desleixo descarroavel da lavadeira, da engommadeira, por exigencias ainda mais descarroaveis do «prego».

Por isso em tantas vezes penso no seu vasto saber, esquadrinhando as fontes em que o beberam. E deante de mim luz então a «experiencia», livro immenso, formando immensos volumes, que hem apertados, bem cingidos em encadernações de bronze ou aço, não caberiam em todas as bibliothecas do mundo.

Sim, foi a «experiencia» a sua unica e grande mestra! Ellas não leram Aristoteles, não compulsaram Platão, não investigaram, d'olculos de augmento sobre os olhos caçados na soffreguidão da verdade, sempre procurada e sempre inatingida, as paginas esfumadas em que o conceituoso e metucioso Kant desdobra lentas filias cerradas do principio, atravez da «Critica da Razão Pura». Não consideraram Darwin, nem sequer esfolharam na mocidade, timidamente, os languidos arrulhos do «Melhor Guia dos Namorados». Tudo isto é muito certo. Mas foram filhas de serventes... E na convivencia das mães ardilosas, ellas riram, ouviram e impensadamente recolheram.

Depois veio a idade em que as «graças» pintam os labios d'um vermelho quente e as ensinam a sorrir; avelludam os olhos de ternuras capitosas e as ensinam a resistir e a condescender; cingem a esbelteza flexuosa dos corpos em estofos garridos e lhes ensinam as ondulações cadenciadas das marchas triumphaes. E sob a influencia das «graças» sorriram, resistiram, condescenderam — imprimindo, irreprehensíveis, aos corpos esbeltos, do encanto ardente de chammas, a mais pomposa ondulação musical. Por ultimo, annos volvidos, o primeiro cabelo branco luziu-lhes entre a espessa cabelleira em bandós. Eram rainhas cheias de graça, empunhando o sceptro d'ouro d'uma soberania bem real e cortejada. O sceptro tremeu, fraquejou-lhes na pallidez meio gelada das mãos crispadas. E quando uma ruga após essa outra ruga, e outro e outros cabelos brancos transformaram o setim liso do seu rosto n'um pergaminho engelhado, sob a biuca nevada d'um *rote* que não mais se desfaz, a rainha de hontem torna-se a servente de hoje. Troca o sceptro pela vassoura de piassaba, o sorrir, o resistir, o condescender, o

ondular flexuoso, que as «graças» lhe não segredam já, pelo conselho experiente das occasiões difficis, o eila a varrer quartos, a fazer camas, a indicar mysteriosamente a linha recta que conduz a sequiosa effusão do amor — a saudadevoando primaveras, em que a vermelha flôr dos seus

labios attrahía desejos como abelhas soffregas de mel.

Triste rainha sem throno ou sceptro, arrasta os lentos dias da velhice a referver chás de cidreira, a espontar peugas a que um excessivo uso de recortes caprichosos de renda, a distribuir o leite que Minerva, mãe proficua, dia a dia condensa nas dezeses substanciosas paginas que a sua mizericordia nos fornece — por cada cadeira em que, devotamente, recolhemos os ensinamentos que ella ainda salvou do Olympo. E apenas uma ou outra vez, fóra dos regalos na cumplicidade da comadre, quando a nostalgia sangra, se confere o sobrio prazer de resuscitar os bons tempos, a lagrima borbulhando, o suspiro tremendo, na visita recitada ao lente jubilado — reliquia ultima dos amores a que a neve dos cabellos não logrou apagar o rescaldo.

ALBERTO DE SOUSA COSTA.

(CLICHÉS DO ACADEMICO SR. AMADEU DE MENEZES E DO PHOT. GABRIEL TINOCO)



# O DISPENSARIO DE SANTA IZABEL

A proposito do terceiro  
anniversario  
que passou no dia 6  
do corrente

SEM nenhuma especie de auxilio do Estado ou de qualquer corporação official, floresce, ha tres annos, na parochia de Santa Izabel, em uma das dependencias da egreja de que é orago aquella doce rainha em cujo regaço o ouro se transformava em rosas, um instituto beneficente, que tem as sympathias e os applausos de quantos comprehendem o exercicio da caridade, como ella deve ser praticada em tempos de progressos e de luzes como os de hoje. Referimo-nos ao Dispensario de Santa Izabel, excellente criação do genio bemfazejo d'esse padre intelligentissimo e bondoso que se chama o dr. Santos Farinha. Nos seus humanitarios propositos, actualmente transmudados em realidades proficuas,



te o illustre sacerdote a poderosa coadjuvação d'um grupo de homens que, na commissão parochial de beneficencia, sabem cumprir o seu dever, esquecendo as idéas politicas que professam para se lembrarem apenas de exercer uma função social cujo premio, para elles, con-



O dr. Santos Farinha rodeado de crianças enfermas  
—O dr. Santos Farinha, o conselheiro Rodrigo Pequito, protector do Dispensario,  
e o sr. Luiz Derouet, membro da commissão de beneficencia, com as senhoras  
enfermeiras e escripturarias





mesmo pensamento philantropico, a despeito de cada qual pertencer a uma facção partidaria differente. Assim é que se nos deparam ali mosachicos constitucioaes, progressistas, regeneradores, franquistas, monarchicos, legitimistas, republicanos e mos que independentes. A mesma desharmonia da politica é que nasce em Santa Izabel a harmonia da caridade. Em que outra parte virmos juntos, trabalhando, com equal objectivo e ideologico interesse, um catholico realista fervoroso como Carlos Pinto Coelho e um intragente republicano livre-pensador como Luiz Deroar. Só o amor do proximo que o Evangelho chama caridade

siste simplesmente — e isso lhes basta! — na satisfação da propria consciencia e nas bênçãos de muitas mães que, mercê do Dispensario, viram os adorados filhinhos arrancados a uma quasi inevitavel morte.

E' talvez esta a unica commissão de beneficencia da cidade que, em semelhante capitulo, logrou realizar uma obra de vulto. As causas são facéis de descobrir. A' frente da parochia encontra-se um parochio moderno e que não tem um seixo no logar do coração, nem faz do seu munus officio para coahlar dinheiro esteril ao canto da arca ou no cofre-forte d'alguma casa bancaria. Os homens da commissão de beneficencia, certamen-



Um grupo de mães em dia de consulta—A consulta do dr. Bettencourt Ferreira—A consulta do dr. Correia Dias (CLICHÉS DE BENOLIEL)

te indicados por elle, são todos espiritos cultos e almas bem-formadas e unem-se no

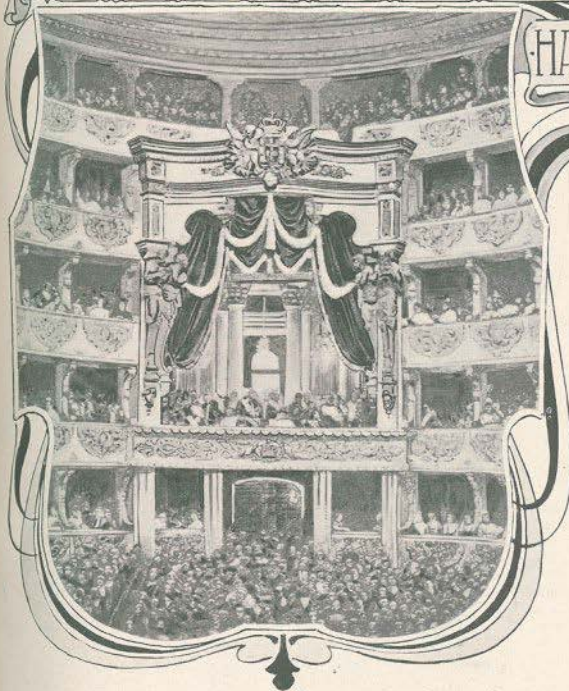
nar-se as sr.<sup>as</sup> D. Carlota Santos e D. Izabel Santos, enfermeiras zelozissimas, por amor de Deus.

que outros preferem denominar philantropia, só o amor que dignifica o homem capaz de operar o estranholagre...

Entre os nomes dos benemeritos patronos do Dispensario avultam os dos seus directores clinicos, dr. Bettencourt Ferreira, que tambem um sabio naturalista, e dr. Correia Dias, um notavel paricultor. Homens de sciencia e homens de coração, ha tres annos que estes dois medicos, gratuitamente, abnegadamente, com uma dedicacão e um carinho inexceveis, attendem, duas vezes por semana, a população infantil da parochia de Santa Izabel que concorre ao Dispensario. Em vult dos seus nomes ergue-se, pois, um côro justissimo de louvores a que nos associamos, de bom grado. Além de Bettencourt Ferreira e dr. Correia Dias devem mencionar-se as sr.<sup>as</sup> D. Carlota Santos e D. Izabel Santos, enfermeiras zelozissimas, por amor de Deus.

# UMA RECITA EM S. CARLOS.

HA 65 ANOS



Uma recita de gala

Depois do jantar, aroveitei a noite dirigindo-me ao theatro italiano. Nas muitas viagens que tenho feito, os theatros parecem-me sempre como um meio rapido de receber em grosso impressões sobre as diferentes classes da sociedade, quando ainda se não ha tido tempo para indagar os pormenores. O theatro de S. Carlos em Lisboa é um dos mais bellos e mais consideraveis edificios d'esta cidade, e sem contestação pode ser collocado a par dos primeiros da Europa. Foi edificado em 1773 no espaço de cinco mezes por um italiano chamado José da Costa, e é exclusivamente destinado á opera italiana e á dança, ao que infelizmente nos últimos tempos se reúnem peças politicas denominadas — representações patrioticas — que particularmente são exploradas nos dias de gala, quando assiste ao espectáculo a côrte e tudo o que lhe pertence, em grande uniforme. Para um espectáculo d'esta especie são trazidos sobre o palco os mais importantes acontecimentos e as mais distinctas personagens da historia contemporanea com o indispensavel acompanhamento de fumo de polvora, de musica turca, de colophonia e de fogo de Bengala; n'uma palavra, é como uma peça do estabelecimento de Franconi; e pareceu-me isso inteiramente indigno de um theatro serio e da presença da familia real. No dia da minha chegada a Lisboa, foi dada a *Rainha de Golconda*, que alternando-se unica-

mente com as *Prisões de Edimburgo*, me perseguiu constantemente durante os dois mezes da minha residencia n'aquella cidade. O palco é elevado e amplo, as decorações mediocres, e o guarda-roupa pobre e deficiente; porém a companhia italiana pareceu-me admiravelmente boa; pode soffrer paralelo com as de cidades italianas de segunda ordem. A sala é grande e pomposa; tem cento e vinte camarotes fechados, dispostos em cinco ordens desde a scena até á tribuna da Rainha, que é fronteira ao palco, sustentada sobre columnas, e que alcança em altura desde a primeira ordem até junto do tecto. No proscenio achase de um lado o pequeno camarote real, onde Suas Magestades vão nos dias ordinarios; no lado opposto adereços eguaes distinguem o camarote do conde de Farrobo — financeiro cujo pae no fim do seculo passado alcançou uma grande fortuna, e ao qual, em recompensa dos dinheiros que adeantou para a construção do

theatro, se concedeu ridiculamente aquelle insolente privilegio. Nunca em cidade alguma da Europa vi cousa que mais tivesse o caracter da ostentação da altivez pecuniaria; ainda que talvez pudessem tambem ser citados como facto analogo os dois camarotes forrados de vermelho, dos A.; contudo esses, segundo me disseram, não são camarotes hereditarios como o do conde de Farrobo. Uma disposição muito vantajosa no theatro de S. Carlos são as chaves, de que se dá uma par icularmente para cada camarote. Teem o seu numero n'uma chapa de metal e somente abrem a respectiva porta. Quando se aluga um camarote, recebe-se, em vez de um bilhete immundo ou de uma senha morosa, uma chave, que somente se pede de rovo, quando acaba o tempo do aluguel ou a assignatura. Em compensação d'esta boa medida o interior dos camarotes é muito miseravel; paredes nuas, nem um tapete, bancos compridos sem almofadas, com toda a dureza da madeira de que são feitos, e a falta total de commodidades, que deve ser muito estranhada por quem está acostumado á requintada elegancia e conforto da Opera de Paris ou de Londres. Todavia, acontece em Lisboa que sendo os camarotes fechados, e tendo paredes lateraes, no logar que se pagou, está-se á vontade e como em casa propria, livre da curiosidade indiscreta dos vizinhos, ao contrario do que sempre succede em tantos theatros



mesmo das côrtes de Allemanha. Seria tambem conveniente que d'estes ultimos fôsse transportada para Lisboa alguma cousa da severa policia que n'elles se emprega contra o fumar. Durante todo o tempo de espectaculo, e mesmo quando a côrte está presente, o salão e todos os corredores estão sempre cheios de fumo como em um café dos mais frequentados, conversando-se em voz alta e correndo-se para um e outro lado — com essa mania passeadora, que é tão propria dos povos da peninsula iberica. Não seria de certo possivel isto nos corredores estreitos e cavernosos do theatro de Vienna; os de Lisboa, porém, são largos, altos e abobadados. A representação dura muito tempo; e segundo o costume italiano, sendo a mudança de peças mui pouca, acontece que, á excepção dos bocados mais validos, ou da entrada do principal actor — todos conversam nos camarotes, fazem-se visitas e apinham-se nos corredores a gente da platéa.

O ornato da sala é, se bem me lembro, branco e dourado, e no tecto elliptico estão representados os corpos celestes e o systema planetario; sobre o proscenio está collocado um grande relógio que é sustentado á direita por Saturno e



DOM JOÃO DE FATIMA

da esquerda pelas Musas, e sobre a caixa d'elle está encostado um Cupido bastantemente grande que olha para baixo, talvez com repugnancia, sobre as bellas damas lisboenses, que se enfeitam pouco para apparecer deante d'elle. Estas vão ao theatro as mais das vezes com chapéus e com vestidos em *négligé*, e os homens com sobrecasacas de passeio e com luvas de testaveis. As senhoras tiram então ordinariamente os seus chapéus, como costumam fazel-o os homens em muitos paizes, quando entram em um quarto, e sentam-se ali com o cabelo descoberto e com leques compridos, não se voltando senão metade para o publico, e entretidas em activa conversação para dentro dos camarotes, nos quaes, por via de regra, o ultimo individuo que chega desaloja, segundo o uso da Italia, o visitante anterior; e isto continúa assim até perto da meia noite em que o panno cae pela ultima vez.

PRINCIPE LICHNOWSKY.

A *Illustração Portuguesa*, divulgando aos seus leitores esta pagina pittoresca, devida á penna de um viajante tão illustre como o Principe de Lichnowsky, de maneira alguma compartilha da sua opinião injusta relativamente ao conde de Fátima, nem pode deixar de advertir que ha n'ella varias inexactidões historicas.



Conde de Fátima

A frente de S. Carlos ha 65 annos



# VIDA MILITAR

As manifestações aos expedicionarios do Cuamato



A officialidade de infantaria 12 em grupo com o capitão Roçadas na para la do quartel, na Guarda.  
—As casernas de infantaria 12 ornamentadas para receber os expedicionarios





As manifestações de tão vivo entusiasmo com que tem sido recebidos, por toda a parte do paiz, o capitão Alves Roçadas e os seus heroicos companheiros da expedição ao Cuamato são o mais expressivo testemunho de quanto o espirito nacional prevalece cheio de fé e confiança no futuro, contra o que pôdem fazer suppôr as tristes apparencias da sua indiferença no periodo que vae correndo.

Desde o desembarque no Funchal á admiravel recepção de Lisboa, na Guarda e em Guimarães, até ás festas que vão realizar-se

no Porto e em Braga, o applauso fremente com que tem sido recebidos os vencedores do sul de Angola é a prova incontestavel de que existe ainda uma nação consciente da sua grandeza historica e convencida de que a esperam novos dias de liberdade, de honra e de prestigio. Tal é, essencialmente, a grande e suggestiva lição que resulta das homenagens espontaneas e unanimes que, n'este momento, recebe, na pessoa dos seus camaradas que vem de realizar a victoriosa jornada do Cuamato, o glorioso exercito portuguez.



Photographias da estação do caminho de ferro da Covilhã, por occasião da chegada a esta estação do comboio que conduzia para a Guarda os expedicionarios  
(CLICHÉS DA PHOTOGRAPHIA DE JOÃO ANTÓNIO AVRES, GUARDA)

# OTAZOURO

# D'

# MEIDA



# Q

UANDO n'uma bella noite de outubro passado cheguei á Opera Comica e encontrei um improvisado cartaz transparent communicando ao publico a transferencia do spectaculo por falta de luz, caiu-me a alma aos pés, e pensei que os senhores electricistas do sector central bem podiam ter escolhido, para declarar-se em greve, uma noite das que eu costume passar em familia. Isso não lhes fazia desarranjo a elles e talvez me poupado, a mim, uma *soirée* perdida, a despeza inutil de um *facre* e a repassagem de meia duzia d' gravatas brancas, amarrotadas sem proveito devido á impericia com que a natureza me dotou no que toca á fabricação de laços de cerimonia.

Mas se assim pensei, egoistamente, enquanto voltava para casa, contrariado por não ter ouvido os suspiros lyricos de *Madame Butterfly*, arrependi-me d'isso logo, ao chegar, porque entre a correspondencia da noite encontrei uma carta do meu amigo barão de Lavollin, fidalgo provinciano, que me participava o inesperado fallecimento da esposa.

nossas cordeaes relações e os preceitos sociaes impuham-me a obrigação de render as derradeiras homenagens á pobre senhora, tão amavel em vida para mim e para os meus, quando na epoca das caçadas nos chamava, com insistencia, ás suas terras.

Tratei, pois, de preparar-me para a viagem, em que nem teria pensado se estivesse no theatro, e, consultando o horario dos caminhos de ferro, verifiquei que partindo ás dez e meia da noite, no rapido de Clermont Ferrand, poderia assistir ao enterro no dia seguinte, ás 9 horas, sobrando-me tempo para obter, na estação do meu destino, uma carriola qualquer que me conduzisse ao *chateau* Lavollin.

Os meus calculos não saíram errados, e de improvisto apenas me appareceu uma formidavel dor de cabeça que cedeu aos effeitos de duas pastilhas de pyramidon, fornecidas cortezmente por um cavalheiro que depois, durante o almoço funerarío, ficou ao pé de mim, e me foi apresentado como primo do viuvo e deputado pelo districto.

Este senhor devia ter sessenta annos e representava o perfeito typo da alta burguezia franceza, com as suas grandes virtudes, pequeninos defeitos e competente lita vermelha na casa do *paletot*.



Como não convinha falar á mesa do doloroso acontecimento que ali nos reunia, conversámos de tudo, em surdina está claro, revelando-se o deputado muito conservador em política e eclectico em litteratura: o bastante para cimentar a nossa reciproca e instinctiva sympathia.

A' conversa, entretanto, faltava animação. N'aquellas circumstancias!... Havia longas pausas. Uma d'ellas foi cortada pelo deputado que, dirigindo-se a mim, inquiriu com polidez se as estradas em Portugal anda eram boas.

Este — ainda — ouviu ali, no centro da França, pronunciado por aquelle senhor tão grave, n'um meio puramente francez, estranho a negocios e a coisas estrangeiras, encheu-me de espanto; e só passados alguns segundos pude formular esta simples pergunta:

— Pois conhece as nossas estradas?

— Andei n'ellas ha 35 annos, respondeu elle muito simplesmente. E acrescentou: Gosta de historias?

— Quem não gosta de historias?

— Pois logo, em viagem, contar-lhe-hei uma, extraordinaria! Levo-o para Paris no meu automovel; accieita?

Accieitei reconhecido, principalmente pela historia prometida, e, ansioso, aguardei o levantar da mesa, sempre demorado na provincia.

O almoço, interminavel, acabou, enfim, e fomos á sala principal onde os convidados, rodeando o dono da casa, se despediam sem pressa, murmurando as ultimas consolações.

Fizemos o mesmo e partimos.

Apesar de estarmos em outubro, o tempo conservava-se doce e quente como no mez de maio. Os raios amarellos do sol douravam, com amor, as ervas e as flores silvestres, melancolicos restos do estio. A marcha do automovel era suave e ao mesmo tempo rapida, parecendo desviar-se, com alegria discreta, d'aquelles sitios por onde a morte tinha passado.

— Vamos á minha aldeia — disse o deputado. — Está a ver aquella egreja? E' a de Mezillon. Fui lá baptisado e de lá partirei para a ultima morada, como de lá partiu meu pae, um bravo e alegre companheiro. Militar, como todos os meus antepassados, percorreu a França inteira, mas aqui veio morrer dos ferimentos recebidos durante a guerra de '70 e repousa á sombra d'aquelle templo, per tantas tradições ligado á nossa familia que dir-se-hia fazer parte d'ella!...

Iamos chegando ao antigo e modesto portal da egreja quando um homensinho coxo passava deante de nós, com um molho de chaves na mão.

O deputado ia chamal-o, mas não foi preciso. Ao ver o automovel estacionar, tirando respeitosamente o chapéu, e assim que parámos, indagou, com interesse, da saúde do senhor deputado, referindo-se tambem a essa infeliz senhora baroneza, tão nova e já morta! Tal e qual a irmã do senhor cura! E lá tinha ido elle, a Ceruay, visitar a sepultura...

— O senhor cura não está? Que desarranjo! Justamente vinha mostrar a joia a este senhor, que é estrangeiro! E dizendo isto o meu amigo apontava-me.

— Se é só para a joia, o senhor cura não faz falta. Tenho as chaves todas. O senhor deputado bem sabe que sou de confiança!

Saltámos logo do carro e entrámos na sacristia. O homensinho abriu um grande armario, dentro do qual um cofre moderno luzia. Abriu-o, igualmente, tirando d'elles um estojo de madeira fina que, ao mostrar o conteúdo, me fez soltar um grito de admiração.

O deputado, que parecia gozar enormemente do meu espanto, perguntou sorrindo: — Conhece o estylo, hein?

— Conheço o original! Respondi com patriótico orgulho. — Estajóu é a copia perfeita da mais bella das alfaias sagradas do Portugal quinhentista. E' a reprodução fiel da custodia de Bellem.

— Umã copia!? Está certo d'isso?

— Certissimo!

— Mais uma illusão perdida!... Fui eu que a trouxe da sua patria; e com que trabalho!... E fui eu que a

offereci a esta egreja, ha muitos annos!... Como tudo isto succedeu, vae sabe-lo já, pois o melhor é partirmos quanto antes para não chegarmos a Paris depois da meia noite.

Seguidos pelo coxe, ás mesuras, por causa dos dois francos de gorgeta, entrámos na confortavel *Amoussine*. O *chauffeur*, apressado, deu duas voltas á manivella, tomou o volante e largámos.

Ao sair da aldeia o deputado começou a narrativa: «— Como já lhe disse, sou de uma familia de soldados. Meu avô era general de brigada no exercito de Massena e governou em Portugal a praça d'Almeida... Conhece-a?»

— De nome... Na fronteira... Districto da Guarda...

— Isso mesmo!... Foi deixado em Almeida com todos os poderes, enquanto Massena invadia o paiz...

— Caro lhe custou!

— Com effeito; mas não me interrompa!... Deixado, como eu ia dizendo, em Almeida, meu avô, nos vagares d'aquella guarnição tranquilla começou a pensar nos seus



«Conversámos de tudo, em surdinas»

negocios particulares, muito menos brilhantes, certamente, do que os seus bordados de general, e o resultado d'essas meditações não foram de uma nobreza por ahí além, sobretudo se o apreciarmos sob o ponto de vista da correcção moderna. Mas n'aquelles tempos não se reparava em certas bagatellas, principalmente entre os militares, a quem se pedia mais bravura do que escriptulos... O meu caro senhor está a entender-me?...

— Perfeitamente!

— «Pois é isso! Meu avô, segundo os costumes da epocha napoleonica, saqueou. E como riquezas n'aquelles sitios só os conventos as possuíam, foi aos conventos buscal-as. D'elles retirou todas as alfaias de ouro fino com que atulhou o cofre de ferro que devia conter o soldo da brigada, mas que, na realidade, andava sempre vazio. Coisas do tempo!

«Contava trazer o cofre para França, como muitos outros fizeram, sob a protecção das bayonetas victoriosas. Os azares da guerra transtornaram esse plano simples, porém.

«As tropas derrotadas de Massena appareceram em Almeida n'uma desordem terrivel. Meu avô, forçado a abandonar a praça e a internar-se na Hespanha, recebeu que o seu thezouro desaparecesse na confusão da retirada. O melhor seria escondel-o. Certamente voltaria a Portugal. Napoleão enviaria um exercito poderoso, ou marcharia

a guerra de 70 rebentou. Meu pae, um dos primeiros a marchar contra os prussianos, devia ser tambem um dos primeiros a morrer, se a bala que o feriu mortalmente lhe prolongasse a agonia durante seis horribes mezes.

«Terminada a guerra... Lembra-se?»

— Se me lembro! Ainda ouço os cegos da minha terra a cantar nas ruas:

Oh! França! Oh! França!  
Tu eras atrevida;  
Agora estás sujeita  
A ficares perdida!

Portugal, á excepção dos intellectuaes, era todo pelos prussianos. Com os desastres successivos, porém, a opinião modificou-se e ficámos pelos francezes, inabalavelmente, até hoje.

O deputado apertou-me a mão, commovido, e continuou:

— «Depois da guerra vi-me só, luctando com difficuldades para finalizar os meus estudos. O pae de Lavollin auxiliou-me até obter o meu diploma de advogado. Uma causa feliz, ganha, e generosamente remunerada, forneceu-me os meios de tentar a descoberta do thezouro.

«Parti para Madrid altamente recommendado e lá fiz-me passar por um artista desejoso de conhecer a velha Castilla.



«A marcha do automovel era suave e ao mesmo tempo rapida»

elle proprio a tirar vingança do terceiro desastre, como mandara Massena em seguida ás duas primeiras e infelizes expedições...

«O meu caro senhor sabe o que aconteceu depois... Guerra da Russia... Nações aliadas... E o meu avô por aqui acabou pobre, com o seu meio soldo da restauração.

«Meu pae herdou uma casa a cair em ruinas e um roteiro do thezouro annotado e acompanhado de um plano d'Almeida, gravado em 1763 com dizeres em francez.

«Com esse documento não podia haver a menor difficuldade em encontrar o esconderijo do thezouro, e a menos que elle não tivesse sido descoberto casualmente lá devia estar.

«Mas como ir buscal-o? A Europa inteira andava agitada. Revoluções explodiam constantemente em França, na Hespanha e mesmo em Portugal. Não havia segurança em parte alguma, nem meios de comunicação. Além d'isso, meu pae apenas sabia o francez, o que para tal viagem era insufficiente.

«— *Quem sabe se viverás em tempos mais socegados!*— dizia-me elle ás vezes, accrescentando: — *Deves aprender a falar hespanhol!*

«E aprendi, com effeito. Falava correctamente quando

«Obtive apresentações para toda a parte com o fim de não denunciar o meu destino exacto, que era Ciudad Rodrigo, e para lá fui directamente, pois o meu plano tinha sido traçado de antemão.

«Ahi chegado, armei um cavalleto, estirei uma tela e tracei um esboço. O desenho era-me sufficientemente familiar para illudir os castelhanos simples, que viam em mim um pintor bohemio.

«La p'r'o campo a procurar assumptos, dizia eu. No segundo dia fiz conhecimento com um excellente rapaz arriero de um grande moinho. Pouco a pouco estudei-lhe o caracter, e no fim de uma semana estavamos amigos, a ponto de lhe confessar o verdadeiro motivo da minha viagem a Castilla.

«Elle jurou-me segredo, sem que lh'o pedisse, e nunca confiança de homem foi melhor empregada.

«Combinámos a excursão a Almeida, e Juan—era o nome do arriero—encarregar-se-hia de arranjar ontro homem que conhecesse bem a fronteira a a villa onde tinhamos de ir.

«Quasi um mez gastámos n'estes preparativos. Finalmente, e sem esperança de achar melhor, accettámos a companhia de um cigano chamado Pablo, frequentador de todas as feiras arraianas.



«Conhecia Almeida na ponta dos dedos, dizia elle, e era provavel que fôsse verdade. Na sua profissão de aventureiro registra-se tudo.

«Falámos-lhe de uma expedição nocturna, mas sem pormenores; e n'uma madrugada os tres, a pé, com uma mula que levava disfarçadamente nos alforjes uma alavanca e uma enxada, tomámos o caminho de Aldea del Obispo. Ahi chegámos ao anoitecer e descansámos.

«Quando continuámos o caminho, passando a fronteira nas alturas do Val de la Mula, a noite, muito negra, ameaçava trovoadas e a escuridão era profunda. Não se distinguia nada a dez metros de distancia.

«Chegámos a Almeida sem avistar as muralhas, e ao atravessar a ponte que dava accesso ás portas de Santa Cruz reparei que, embora andasse com cuidado, a abobada da galeria reproduzia o ruído augmentando-o consideravelmente.

«Ordenei a Juan que parasse com a mula e penetrámos na galeria, eu e Pablo, pisando na ponta dos pés.

«Parecia-me ouvir vozes e desejava certificar-me se haveria alguém que nos pudesse ver.

«Não me enganei. Do outro lado da porta, ao centro de uma pequena praça, percebi vultos de pessoas que conversavam animadamente em voz alta.

«Cosemo-nos com os muros e esperámos. Pouco depois um dos vultos partiu. Risos, interpeleções galhofeiras dos que ficavam, seguiram-o até longe. Uma voz gritou: — Oh! Colen!... Colen!...

«Lembro-me ainda hoje d'esta palavra tal como a ouvi pronunciar, por causa da sua consonancia franceza. Foi engano meu ou existe esse nome em Portugal?

— Existe. E' o de um grande jornalista.

— «Será o mesmo?

— Talvez!

— «Aquelle a quem chamavam Colen, respondeu duas ou tres palavras incompreensíveis para mim, e as quaes Pablo, quasi ao meu ouvido, traduziu: — *Burnas noches!* «Conclui que elle se despedia; e os outros não tardariam a fugir á trovoadas iminentes.

«Não esperámos muito tempo. O grupo, sem deixar de conversar, afastou-se lentamente e desapareceu de todo. «Chamei Juan e entrámos. Logo á direita, uma barreira conduzia á muralha e por ella nos encaminhou Pablo para nos levar a Santa Barbara, conforme as minhas ordens.

«Pela muralha fóra contornámos metade da villa, sem ouvir uma voz, sem avistar uma luz. O silencio era apenas cortado pelo rumor das faias sopradas pelo vento.

«De repente Pablo mostrou-me uma especie de casebre em ruínas, dizendo-me: — Ahi está Santa Barbara!

«Aproximei-me com alvoroço e examinei-o exteriormente. As linhas geraes concordavam com o desenho de meu avô, que eu sabia de cor. Accendi a lanterna e sósi-nho procurei a porta unica. Era ao lado e não dava entrada immediata á capella, exactamente como marcava o meu roteiro.

«Havia uma especie de ante-camara que devia ter sido construida para servir de paravento ao santuario, virado para o nascente, e n'ella uma larga porta em face ao altar já destruido.

«Aproximei a lanterna e verifiquei que, contra o costume, os humbraes d'essa porta assentavam fóra da soleira. Esta anomalia tambem confirmava os dizeres do roteiro em meu poder. Não restava mais duvida! Ahi fóra escondido o thezouro do general.

«A commoção suffocava-me, prendia-me os movimentos; e só me lembrei de chamar os meus companheiros quando o primeiro relampago da tormenta me mostrou a cabeça de Pablo, a espreitar-me da porta exterior.

«Moldei-os entrar e nem falei. Apontei-lhes as juntas da soleira que, abalada pelo tempo, cedeu aos primeiros impulsos da alavanca.

«Quando os dedos couberam na abertura, todos tres, n'um grande esforço, puxámos a pedra para nós, pondo a descoberto o cofre.

«Com o choque da pedra no chão o ar deslocou-se, apagando a lanterna; e no momento em que eu procurava no bolso a caixa de phosphoros, uma *cerilla* brilhou nas mãos de Juan, ao mesmo tempo que Pablo guardava, precipitadamente, qualquer objecto que tentára retirar da facha durante as curtas trevas.

«Era o segundo gesto suspeito que eu apanhava ao cigano.

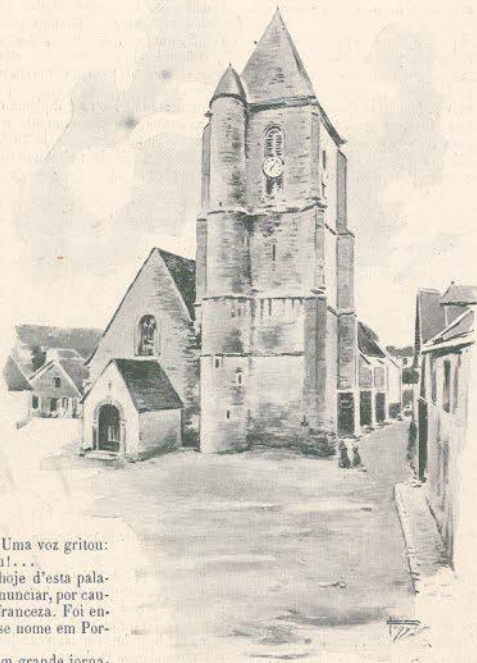
«Eiquei inquieto, mas consegui dissimular o meu receio, ajudando a equilibrar o cofre sobre a albarda da mula, que eu tinha feido entrar.

«Para que pudesse revelar a Juan a minha desconfiança, enviei Pablo fóra da capella, a pretexto de verificar se algum nos teria seguido.

«Juan desconfiava tanto como eu. Infelizmente não tive tempo de organizar um plano defensivo, porque o cigano voltou immediatamente assegurando a nossa tranquillidade e lembrando que á cautela saíssemos pelas portas de Santo Antonio, as mais proximas.

(Continúa.)

A. D'AGUILAR.



«Aquelle é a igreja de Meillon»

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chroemante e physionomista da Europa

# Madame BROUILLARD



**D**iz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias, chronologia e physiognomonia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles Lambröze, d'Arpenigney. Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathedra, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

*Dá consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete:*

43, RUA DO CARMO, sobre-loja — LISBOA  
Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.

## LOÇÃO DEQUEANT

CABELLO  
BARBA  
PESTANAS  
SOBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na Academia de Medicina de Paris contra o murchão da Calvície e todas as afecções do couro cabeludo. L. DEQUEANT, Pharmacia, 34, Rue St-guanoourt, Paris. Em LISBOA, 19, Rua do Arco a Jesus, a quem se deve dirigir para todas as informações gratuitas. A Venda em todas as boas Farm. de PORTUGAL.

## Farinha lactea Nestlé

Preço 400 réis

36 medalhas de ouro inclinou a conferida  
na Exposição Agrícola de Lisboa

## BAUME BENGUÉ

Cura totalmente

RHEUMATISMO  
GOTA  
NEURALGIAS

Dr BENGUÉ, 47, rue Nivelle, Paris, e em todas as Pharmacias.



## A mais importante casa de AUTOMOVEIS em Portugal



ALBERT BEAUVALET & C.<sup>A</sup> Representante de PEUGEOT A MAIS AFAMADA MARCA DE AUTOMOVEIS  
PRAÇA DOS RESTAURADORES, LISBOA

## Novo diamante americano

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 réis, broches a 800 réis, brincos a 18000 réis o par. Lindos collares de perolas a 18000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. Não confundir a nossa casa. RUA DE SANTA JUSTA, 60 (Junto ao elevador) — LISBOA.

## L'Epil'vite

CREMA EPILATORIA pronta a ser empregada. Resultado garantido.

Agradavelmente perfumada, dissolve instantaneamente

as pennungens desengraçadas, a barba, os pelos os mais duros do rosto e do corpo. — Não produz borbulhas, não irrita a pelle a mais delicada, e M. A. GRAZIANI, Phar de 1<sup>a</sup> classe, 63 Rue Rambuteau, Paris. Agénts Uniqs Portugal. CURIEL & DELIGANT, 19, R. do Arco a Jesus, Lisboa.



# Cream of Wheat

*A' venda em todos os estabelecimentos  
de generos alimenticios*

Contém na forma mais assimilavel os elementos que produzem  
a força e vigorizam os nervos

*Toda a força  
do  
Trigo*



**CREAM of WHEAT**

*Contem na forma mais assimilavel  
os elementos que produzem a força  
e vigorizam os nervos.*

*Um bom almoço  
Um lanche agradável  
Uma sobremesa deliciosa*

*PREÇO 300 Réis.-Cada pacote contem uma Senha Brinde  
A venda em todos os estabelecimentos de generos alimenticios  
Unico representante e depositario  
M. L DE MELLO  
Largo de S. Julião - 12, 1.º - LISBOA*

Um bom almoço. Um lanche agradável.  
Uma sobremesa deliciosa

UNICO REPRESENTANTE E DEPOSITARIO

## M. L. DE MELLO

Largo de S. Julião, 12, 1.º - LISBOA